

Das representações da infância, no imaginário social, à criação de uma linguagem mítica

Elza Dias Pacheco

Foram-se os mitos do amor (...) restaram os mitos do poder. (Snyders)

*Infância? Pobre, mas linda (...)
Tão linda que mesmo longe
Continua em mim ainda.
(Vinícius de Moraes – Autobiografia)*

*A música que me faz rir ou chorar, o alimento que me apetece (...)
a carícia que me alegra ou entristece: tudo isso está relacionado às minhas próprias raízes culturais, (...) às formas (...) de entender e sentir a vida, (...) peculiares à cultura à qual pertença.
(Rubem Alves – Hijos del mañana)*

O presente trabalho pretende falar sobre as representações da infância que, povoando o imaginário social, se estendem ao longo da história, originando uma linguagem mítica expressa na literatura, nos textos didáticos, na mídia e no cotidiano, através de personagens simbólicas estereotipadas como: o pequeno anjo, o bom diabinho, a criança frágil, a criança perversa, a criança passiva e imatura (...).

Tais representações caracterizam aqueles que as criam e as expressam, constituindo-se num verdadeiro teste projetivo dos padrões, valores e expectativas de uma determinada sociedade, refletidas, como foi dito, nos mais diversos produtos culturais que, utilitários ou imaginários, encarnam as concepções adultas e se constituem em suportes de modelos e visões de mundo importantes na socialização das crianças.

A título de exemplo, tomemos o Pinóquio de Colodi (...) um boneco de pau feito pelo bom velhinho Gepeto e que vira gente. Uma história que, através dos tempos, vem povoando o imaginário infantil com lições terríficas do tipo: a falta de Pinóquio às aulas implicará em perda da sua humanidade

(...).

Mas a quem interessa a estória do Pinóquio? Qual a “moral” implícita nela? Claro que é aos defensores da escola gepetiana, da escola cujo objetivo é formar o bem adaptado, o bem comportado, aquele que não questiona ordens. O Pinóquio interessa, ainda, aos adultos que, ignorando a infância como uma etapa que tem um fim em si mesma, perguntam freqüentemente, à criança: “O que você vai ser quando crescer?”.

Através da citação de uma produção literária ficcional, vimos que a forma de perceber e de pensar a criança interfere sobre as condições de vida e sobre as expectativas e comportamentos do adulto em relação a ela, já que cada sociedade a partir de imagens ideais, cria as suas representações coletivas sobre e para a criança.

Quando falamos de representação estamos falando de realidade e de verdade, conceitos que implicam numa determinada teoria do conhecimento que fundamenta e explica o “como” o homem conhece e o “como” ele encontra um significado para a sua existência. Estamos, ainda, nos referindo ao fato de o ser humano mover-se num mundo essencialmente simbólico, sendo os símbolos lingüísticos preponderantes na construção social de sua realidade, confirmando a fala de Ludwig Wittgenstein, “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.”

Todavia, antes que o pensamento se apodere de qualquer experiência como seu objeto, ocorre um envolvimento do homem com o mundo, em que se incluem as suas percepções e os seus estados afetivos, anteriores ao processo de simbolização. Isto nos remete a Merleau-Ponty quando diz que o mundo não é apenas o que pensamos mas também o que vivemos e isto inclui o sentir que é anterior ao pensar, levando-nos a afirmar que **antes de ser razão, o homem é emoção**, ou seja, **o sentir e o simbolizar, no conhecimento do mundo, se articulam e se completam**.

Mas retomemos o fio da meada e volte-

mos às **representações da infância**. Conhecê-las interessa a todos que, direta ou indiretamente, estabelecem relações com a criança no seu cotidiano ou são responsáveis pela organização de suas condições de vida e do seu estatuto na sociedade. Justifico: a simples observação do estatuto da criança nos leva à constatação do quanto ela é ignorada e/ou desconhecida na vida social, em termos de urbanismo, habitação e equipamentos sócio-culturais.

A afirmação acima poder ser constatada a partir de observações *in loco* realizadas em praças públicas sob a administração da Regional Lapa (AR - Lapa). Entre os 238 logradouros da Regional, apenas 16 praças possuem parque infantil e, destas, apenas 2 possuem brinquedos do tipo não convencional, feitos com toras de eucalipto, cordas e pneus.

Felizmente, a carência material e o desconhecimento da ludicidade infantil são supridas pela recriação que a criança faz dos objetos disponíveis, através do ato de brincar; dificilmente ela aceita os usos explícitos nas regras de uma caixa de brinquedos ou concorda com a maneira “certa” imposta como norma pelo adulto.

Não é por acaso que na vasta obra de Walter Benjamin, tão marcada pelo pessimismo diante da história, os textos sobre a cultura infantil evidenciam que, após um mergulho na própria infância, o autor recupera, em certo sentido, a maneira de ver a criança, a sensibilidade e os valores dela e, sob esse ângulo, tais escritos podem ser lidos como se fossem relatos de crianças para crianças, à margem da cultura adulta. Vejamos algumas de suas falas:

(...) jamais são os adultos que executam a correção mais eficaz dos brinquedos – sejam eles pedagogos, fabricantes ou literatos – mas as próprias crianças, durante as brincadeiras. Uma vez perdida, quebrada e reparada mesmo uma boneca principesca transforma-se numa eficiente camarada proletária na comuna lúdica das crianças” (1984:65)

(...) os brinquedos documentam como o adulto se coloca com relação ao mundo

da criança. Há brinquedos muito antigos como a bola (...) que provavelmente derivam de objetos de culto e que, dessacralizados, dão margem para a criança desenvolver a fantasia. E há outros (...) impostos pelos adultos enquanto expressão de uma nostalgia sentimental e de falta de diálogo. Em todos os casos, a resposta da criança se dá através do brincar (...) do uso do brinquedo (...) E a criança escolhe os seus brinquedos (...) entre os objetos que os adultos jogaram fora. As crianças fazem a história a partir do lixo da história. É o que as aproxima dos inúteis, dos inadaptados, e dos marginalizados". (1984:14)

Passemos, agora, em revista, as representações da infância presentes nos manuais italianos, de iniciação à aprendizagem da leitura, detectadas por Umberto Eco e Marisa Bonazzi (1980), em "*Mentiras que parecem verdades*", obra pioneira no assunto, que nos revela os perigos do ilusionismo didático através do qual a criança é educada para uma sociedade inexistente onde os problemas são apresentados de forma falsa e grotesca e os seus personagens não têm inscrição na história e na cultura. Vejamos alguns textos traduzidos: "*A professora é uma fada! Abre as mentes dos seus pequenos alunos, educa seus corações, guia as suas mãos. O seu olhar é mais luminoso do que o sol, a sua voz é mais suave do que a música*". "*A escola é como uma igreja que espera os seus fiéis; espera seus fiéis todas as manhãs, esta alegre igreja. Entram os fiéis, um a um, com um livrinho na mão: vão sentar-se todos nos bancos, ó surpresa, como na igreja. O estudo, crianças, de certa forma, é também uma reza.*" (1980:50-51)

Nosella (1981), em "As belas mentiras", ao analisar livros didáticos brasileiros cria uma obra similar à de Eco e Bonazzi, obtendo resultados semelhantes, ou seja, a característica invariável do mundo imaginário, descrito nos textos, é a ausência de problemas na sociedade e na natureza. A família é um lugar de paz, segurança e felicidade. A escola é o segundo lar e a sua função é formar o futuro cidadão da sociedade capitalista, transformando-o num ser educado, obediente, passivo e acrítico. Alguns trechos exemplificam o que dissemos: "*Aqui está uma família feliz: papai, mamãe e quatro filhos (...) formam uma família feliz porque se estimam muito. Não pensem que são ricos. Vivem unidos e procuram entender-se sempre (...)*" (1981:31)

Esta breve passagem pelo conteúdo dos livros didáticos nos mostra que o discurso

contido nos mesmos deixa transparecer um mundo imaginário que em nada se assemelha ao real. É um discurso por onde circulam sempre os mesmos mitos: um país grandioso com matas verdes e imensas, com um lindo céu azul; um país onde ninguém adoece, ninguém tem fome, ninguém é subnutrido, ninguém morre de malária ou de morte severina. Um país onde não há corrupção, não há greves e todos vivem sorridentes. Por outro lado, há os discursos que partem do pressuposto que o leitor-criança é, no mínimo, imbecilizado (...) *O vovô viu o ovo; a pata nada; a barriga é do bebê; o bico é do bule; o boi baba; Xerxes joga xadrez; Zeca toca zabumba (...)*. Sem conflito não há como lutar pela redução do mesmo. Assim, tais discursos são, apenas, um convite ao marasmo. Até aqueles que outrora, levavam ao ufanismo – "*criança! Não verás país nenhum como este: imita na grandeza, a terra em que nasceste!*" – hoje não resistem a uma leitura irônica.

Mas como surgiram as primeiras representações da infância? Vejamos o que nos diz Philippe Ariès (1978) que, através de pinturas renascentistas de crianças vestidas de adultos, de pesquisa em diários, em testamentos, em igrejas e em túmulos, projeta a transformação da família, quadro a quadro, em câmara lenta. Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la (...). Isso faz pensar (...) que a infância era um período de transição (...). Por volta do século XIII, surgiram alguns tipos de crianças (...) o anjo, representado sob a aparência de um adolescente (...). O segundo tipo, seria o modelo e o ancestral de todas as crianças pequenas da história da arte: o menino Jesus, ou Nossa Senhora menina, pois a infância se ligava ao mistério da maternidade da Virgem e ao culto de Maria, (...). Um terceiro tipo de criança apareceu na fase gótica: a criança nua. O menino Jesus quase nunca era representado despido (...). Ele só se denudaria no final da Idade Média (...). Na arte medieval francesa, a alma era representada por uma criança nua e em geral assexuada (...). O moribundo exala uma criança pela boca (...). A verdade é que o grupo da Virgem com o menino se transformou cada vez mais em profano: a imagem de uma cena da vida cotidiana (...). Timidamente a infância religiosa deixou de se limitar à infância de Jesus. Surgiu a de Virgem (...) a de São João, o companheiro dos jogos do menino Jesus, a de São Tiago

(...). Essa iconografia (...) coincidiu com um reflorescimento de histórias de crianças nas lendas e contos pios (...). Ela se manteve até o século XVII na pintura, na tapeçaria e na escultura.

Entre o fim da Idade Média e o século XVII a criança conquista um lugar na família. *Deixa de ser confiada aos estranhos e ingressa no lar, tornando-se um elemento indispensável da vida cotidiana. Educação, carreira, futuro (...). Não foi o individualismo que triunfou, foi a família que se privatizou em detrimento das relações entre senhores e criados, (...) entre a vizinhança.* A casa deixou de ser um lugar público pois a sociabilidade e o sentimento de família não eram compatíveis. Surge a educação escolar e a consciência de sua importância, ciências como a Psicologia e a Psicanálise passam a ter lugar de destaque na solução dos problemas morais e sexuais da infância, enquanto os jesuítas se encarregavam da educação das crianças e dos jovens.

Enquanto a família moderna retirou as crianças das ruas, a educação as confinou, as enclausurou nos internatos e infringiu-lhes todos os tipos de castigos físicos. Tal comportamento da família moderna respondia a uma necessidade de intimidade e de identidade entre os seus membros. *Surgem o sentimento de classe, de raça (...)*. A antiga sociedade, que concentrava num pequeno espaço uma grande diversidade de estilos de vida, passa a assegurar a cada gênero de vida um espaço reservado. A repugnância dos ricos origina a vergonha dos pobres.

Vejamos agora, quais são as representações da criança a partir da Idade Moderna. Voltando a Ariès nota-se, através de sua fala, que a consciência da distância entre o adulto e a criança parece não ter existido na Idade Média, demonstrando a ausência de significado do estatuto da infância que era representada, pela maioria dos adultos, como objeto de divertimento e de brinquedo para os mesmos, o que muito irritava os moralistas que a percebiam como um futuro adulto.

Snyders, o grande pedagogo francês (1965), aborda em sua obra a evolução das imagens da infância no decorrer do Ancien Régime. Santo Agostinho via a criança como anti-perfeição devido ao pecado original. Descartes a via como erro e Bossuet como tenebrosa. Por outro lado, Rousseau, através de sua obra "O Emílio", diz que a criança nasce pura e inocente vindo a ser corrompida em contato com a sociedade.

Até o final do século XVIII a infância é relegada pela literatura: Boileau fala apenas

da adolescência; Bruyère descreve as crianças como seres preguiçosos, altivos, invejosos e coléricos. Nota-se que as crianças só aparecem em imagens positivas enquanto objeto de divertimento e durante os próprios jogos.

Pode-se observar, que só a partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia e o desenvolvimento da economia capitalista, associadas às idéias de família e de escola, surgem as primeiras preocupações com objeto social criança, não enquanto tal, mas como um ser em evolução para a vida adulta, não como um ser político e cultural, mas como um ser marginal com o mesmo estatuto do índio, do negro, do velho, do analfabeto, do doente mental (...).

É natural que o conservador conceba a infância a partir de parâmetros da classe dominante. Mas, e os progressistas ou aqueles que se intitulam como tal? É que ambos têm como suposto o evolucionismo que considera a criança como apolítica e ahistórica; como um ser natural, etário, incompleto; como um vir-a-ser adulto. Nesta concepção a criança “não é”, mas virá a ser quando o seu desenvolvimento estiver completo do ponto de vista biológico. Quando adulto ela estará completa e poderá ingressar no mercado de trabalho e ser produtiva.

O preocupante não é apenas esta visão de criança, mas a visão de adulto como alguém que, ao adquirir *status*, possui um papel social condicionado pela sua classe social. Será o homem completo, pronto, que completou o seu ciclo histórico, e, portanto, não mais sofrerá transformações.

Até o momento atual, no imaginário social adulto, ainda predomina a ótica evolucionista que ignora a criança circunscrita ao nível das relações histórico/políticas. Em função disto ouve-se freqüentemente a pergunta feita às crianças: “O que você vai ser quando crescer?” Claro que tal questão define a representação adultocêntrica, redutora, que vê, como já dissemos, no adulto a etapa final – o adulto completo cristalizado.

Assim, para se reorganizar a discussão das representações da infância na produção cultural é necessário, como diz Perrotti, *passar pela definição do lugar da criança na cultura assim como pela definição do que seja a própria cultura. Se esta for identificada apenas como acumulação de experiência, como transmissão, aceitaremos (...) um papel passivo da criança no processo cultural. Se identificarmos cultura como criação – recriação de, de si, do outro e do mundo (...) não poderemos aceitar que seres humanos sejam transformados em objetos*

da cultura erigida em sujeito (1982:12)

As referências feitas, até agora, sobre as **representações da infância no imaginário social** nos induzem a algumas reflexões emergentes direcionadas a uma criança: como ela pensa, como ela sente, como ela percebe, como ela representa as coisas (...) os eventos do seu cotidiano. Como ela representa os heróis e vilões que desfilam diariamente na “telinha mágica” da tevê, nos diferentes gêneros que se sucedem.

Ter essa compreensão exige de nós um suporte teórico que não se esgota na Psicologia embora esta seja indispensável. É necessário conhecer o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade dialética, em seus aspectos bio-psico-sócio-culturais. Como evolui o desenvolvimento do pensamento? O que é desenvolvimento cognitivo? O que são estruturas mentais? Existe uma cronologia no desenvolvimento dos esquemas mentais? Como atuam os condicionantes sócio-culturais?

Paralelamente ao estudo do desenvolvimento humano é necessário observar como ocorre o desenvolvimento lúdico e qual o seu significado. Como a criança utiliza o seu tempo livre e os espaços disponíveis? O lúdico é uma expressão da cultura? Além destas indagações, quando se aborda o problema lúdico, outras povoam a nossa mente: quais as preferências infantis em termos de jogos e brinquedos? A criança brinca sempre, mesmo quando realiza outra atividade? A criança gosta de desenhar? A criança brinca com água, areia e argila? O sexo condiciona as diferentes preferências e as diferentes formas de brincar? Por que a criança é essencialmente lúdica? A criança é ativa ou passiva quando brinca?

Responder a tais indagações implica em pesquisar e observar o comportamento da criança em diferentes momentos das suas atividades, em diferentes contextos sociais, no brinquedo individual e coletivo, no lar, na escola e nas áreas de lazer. As atividades básicas necessárias ao desenvolvimento infantil, como dormir, comer e beber, evidenciam uma preponderância da atividade lúdica, pois através dela a criança recria uma realidade não real, o mundo da imaginação, onde predomina o animismo, o artificialismo, o antropomorfismo.

Mas conhecer a criança é pensá-la não apenas numa perspectiva evolutiva e etária. Conhecer a criança é pensá-la como um ser social determinado historicamente. Conhecer a criança é pensá-la num tempo e num espaço, interagindo dinamicamente, influenciando e sendo influenciada. Conhecer a criança

é pensá-la como um ser de relações que ocorrem ao nível da família, da sociedade, da comunidade. É conhecê-la em casa, na escola, na igreja, na rua, no clube, em seus grupos sociais, nas “peladas”, enfim, em todas as suas atividades. Vendo-as sob todas essas óticas os adultos não lhe perguntariam mais “O que você vai ser quando crescer?”. Eles veriam que a criança é um ser histórico que produz cultura, que a criança pensa, que a criança sente o canto dos pássaros, o ronco dos carros e dos aviões, o zumbido dos insetos, o farfalhar das folhas, a cor e o perfume das flores. Mas ela sente também outras (...) a dor, a fome, o frio, a poluição, a violência, a injustiça. Ela sente e sofre (...).

Elza Dias Pacheco

- *Profª Associada/Livre Docente ECA/ USP. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa sobre a infância, Imaginário e Comunicação LAPIC - ECA/USP.*

Referências Bibliográficas:

- ARIÈS, Philippe; História social da criança e da família. RJ, Guanabara, 1978.
- BACHELARD, Gaston; O direito de sonhar. São Paulo, Diefel, 1985.
- BENJAMIM, W.; A criança, o brinquedo e a educação. São Paulo, Summus, 1984.
- ECO, U. & BONAZZI, Marisa; Mentiras que parecem verdade. SP, Summus, 1980.
- PACHECO, Elza Dias; Comunicação, Educação e arte na cultura infanto-juvenil. São Paulo, Loyola, 1991.
- _____; O pica-pau: herói ou vilão? Representação social da criança e reprodução da ideologia dominante. São Paulo, Loyola, 1985.
- _____; O lúdico no desenvolvimento infantil e na integração do eu. In: KUNSCH, Margarida M. (org.); Comunicação e educação caminhos cruzados. SP, AEC de Brasil/Loyola, 1986.
- _____; A linguagem televisiva e o imaginário infantil. TEMA, Revista das Faculdades Teresa Martin. São Paulo, 9/11:192-195, 1990.
- _____; Tevê Criança: produção cultural, recepção e sociedade. (Espanha). Relatório de pós-doutorado realizado na Universidade de Complutense de Madrid, 1991/1992.
- PERROTTI, Edmir; A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (org); A produção cultural para a criança. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.